



Opinião Econômica

Marcos de Vasconcellos

Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor do Mercado

Empresas arrecadam migalhas para apagar incêndios

Quando topam passar com pires na mão, é para cobrir as contas ou empurrar dívidas

Se o seu assessor de investimentos ou gerente de banco parece mais distante ultimamente, não estranhe. A captação de dinheiro pelas empresas via mercado de capitais neste ano até abril foi 40,5% menor do que no mesmo período do ano passado.

Isso contando o valor de tudo que é tipo de papel: debêntures, CRIs, CRAs, fundos imobiliários, emissão de novas ações etc.

Os grandes números contam parte da história: o volume emitido de janeiro a abril atingiu R\$ 82,6 bilhões, ante R\$ 138,8 bilhões do período em 2022. Na quantidade de operações feitas, são 503 ante 643 (queda de 21%).

Mais preocupante do que os números, como sempre, são os porquês. São eles que devem interessar os investidores. Altas e baixas, seja na Bolsa, seja na economia real, não te ajudam a tomar boas decisões. Entender as razões de cada movimento pode ajudar.

Sabe o que as empresas farão com o dinheiro que captaram neste ano? Expandir? Aumentar receitas? Criar novas áreas? Inovar? Pesquisar? Nada disso.

As operações de refinanciamento de passivo representam 31,6% das feitas em 2023, ante 19,2% no fim do ano passado, explica a Anbima (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Finan-

ceiro e de Capitais). Por pouco, as operações de capital de giro foram as predominantes, com 32,1%.

Em resumo: as empresas estão evitando ir a mercado atrás de dinheiro e, quando topam passar com o pires na mão, é para cobrir as contas do dia a dia ou empurrar dívidas.

Caixas apertados levam normalmente a escolhas ruins. Na vida pessoal e na vida corporativa. O senso de urgência em pagar as contas faz com que o devedor aceite propostas que não aceitaria em momentos melhores.

Empresas mais novas, que entraram no mercado dependendo de crescimento com publicida-

de ou aquisição de outras companhias, estão em sofrimento suas ações mostram isso. Empresas como Enjoei (ENJU3); GetNinjas (NINJ3); e T4F (SHOW3, antiga Time For Fun) viram suas ações despencar 54%, 11% e 55%, respectivamente, nos últimos 12 meses. O Ibovespa subiu 2,3% no período.

Os balanços mais recentes dessas três empresas, divulgados na semana passada, mostram que elas têm mais dinheiro em caixa do que valor de mercado (o que valeria, em hipótese, a venda de todas as suas ações existentes).

Há quem diga que uma ação está barata quando o caixa da empresa já cobriria o valor dela

mesma no mercado, mas trata-se apenas de futurismo sem sentido. O que isso mostra, na verdade, é que, na visão dos grandes investidores, essas companhias quase não são mais capazes de gerar valor. Em outras palavras, aponta que ninguém quer pegar a faca caindo.

Uma mudança na facilidade de acesso a dinheiro novo (como queda de juros) ou uma mudança drástica no direcionamento desse tipo de empresa pode mudar o cenário. Porém, até lá, são mais histórias tristes para servir de exemplo quando o dinheiro e o otimismo sem sentido voltarem a jorrar no mercado.

Crédito 1 Minuto

Dinheiro na conta na hora, quando você precisar

Você contrata o empréstimo direto pelo app Banrisul e paga em até 36 meses, com a primeira parcela em até 50 dias após receber o dinheiro na conta.

Credíário para financiar suas compras

Negocie o valor da sua compra com o lojista, ele recebe à vista e você pode parcelar em até 48 meses. O pagamento pode ser com cartão ou pelo app.

No app Banrisul, você libera o seu limite de Crédito 1 Minuto para usar como quiser!


 banrisul

Porto Alegre (51) 3210 0122
Demais Regiões 0800 541 8855

SAC 0800 646 1515
Ouvidoria 0800 644 2200

Produtos brasileiros enfrentam dificuldades para entrar na Argentina

/ COMÉRCIO EXTERIOR

Mauro Belo Schneider

mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

A Associação Brasileira de Componentes para Couro, Calçados e Artefatos (Assintecal) registra dificuldades para que produtos brasileiros cheguem ao mercado argentino. O comércio entre os dois países tem sido atingido após alterações promovidas pelo Banco Central da República Argentina (BCRA).

Conforme a superintendente da entidade, Silvana Dilly, em junho de 2022, o BCRA mudou as condições de acesso ao Mercado Único de Câmbio para pagamento de importações, o que vem

atrasando os pagamentos em até 180 dias.

“A isso, soma-se o fato da já tradicional demora na liberação de licenças (siras) para importação. O fato tem repellido exportadores, inclusive brasileiros, que têm receio de não receber ou receber muito mais adiante”, revela.

A Assintecal representa a indústria brasileira de componentes para calçados e couros, além de produtos químicos para o setor. Todos esses materiais estão enfrentando dificuldades para entrar na Argentina. Mas a indústria que mais sofre com esse entrave é a da Moda, que, por ser temporal, não pode esperar meio ano para que um produto chegue ao mercado.

“O Rio Grande do Sul, como o maior exportador de componentes e químicos para couro e calçados do Brasil, é certamente o estado que mais sofre com a situação. Já a Argentina é o segundo principal destino internacional do setor. Para lá, no primeiro trimestre, foram exportados o equivalente a US\$ 10,17 milhões em materiais, 101% menos do que no mesmo período do ano passado”, compara Silvana.

A solução para o imbróglio, de acordo com a representante da entidade, é apostar na capacidade diplomática dos governos brasileiro e argentino, que têm uma boa relação.

“Neste primeiro passo, vamos solicitar audiência com o Minis-



JUAN MABROMATA/AFP/IC

Solução ao entrave passa pela capacidade diplomática dos dois países

tério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC) para tratar do tema, colocando o quanto estamos sendo atingidos. Precisamos urgentemente resgatar a integração comercial tão propagada pelo Mercosul”, afirma.

A Assintecal realizou, entre 9 e 11 de maio, missão à Argenti-

na para estreitar laços e discutir o impasse.

Segundo o Setor de Promoção Comercial da Embaixada do Brasil no país, foi reativada a chamada “comissão de pagamentos”, capitaneada pelo MDIC em conjunto com o Ministério da Economia argentino.